

## PRAZER E CASTIDADE EM SANTO AGOSTINHO

Gilmar Henrique da Conceição<sup>1</sup>

(Unioeste – Campus de Cascavel)

**Resumo:** Quando Santo Agostinho era maniqueu fez a afirmação do prazer e a negação da procriação, depois, quando se tornou católico, tornou-se defensor da afirmação da procriação e da negação do prazer. Na realidade, depois de convertido ao catolicismo, o Agostinho que emerge parece ser outro bem diferente do que fora, e se torna irreduzivelmente celibatário e apologista da virgindade. Poucos amaram tanto as mulheres como Santo Agostinho amou. Daí ser inevitável a pergunta: Por que Santo Agostinho, que tanto amara as mulheres, delas se afasta?

**Palavras-Chave:** Santo Agostinho; Filosofia; Poder; Sociedade.

## PLEASURE AND CHASTITY IN SAINT AUGUSTINE

**Abstract:** When St. Augustine was a manichean made the claim of denial of pleasure and procreation, then became a catholic when he became champion of the assertion of procreation and the denial of pleasure. After converting to Catholicism, Augustine that emerges seems to be another quite different than outside, and becomes irreducibly bachelor and apologist of virginity. Few loved both women loved St. Augustine. Hence the inevitable question: Why is St. Augustine, who had so loved women, of them away?

**Keywords:** St. Augustine; Philosophy; Power; Society.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação. Aluno do Curso de Mestrado em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unioeste, Área de Concentração “Filosofia Moderna e Contemporânea”, Linha de Pesquisa “Ética e Filosofia Política”. E-mail: ghconceicao@unioeste.br.

## 1 INTRODUÇÃO

Não é tão fácil, quanto pode parecer ser, num primeiro momento, colocar Santo Agostinho numa redoma definitiva de classificação. Há sempre algo que nos escapa em suas contínuas perguntas. De modo geral, de um lado podemos filiá-lo àqueles pensadores que valorizam a “existência”, a Cidade dos Homens e, por consequência, o corpo com suas paixões. De outro lado, ele habitualmente é colocado como “essencialista”, como teórico da negação absoluta do mundo, defensor da Cidade de Deus e, por extensão, do predomínio da alma sobre o corpo. Evidentemente os escritos de Santo Agostinho permitem estas e outras interpretações paradoxais em razão do movimento interno de seu pensamento. Não é à toa, por exemplo, que o “filósofo do movimento”, Montaigne<sup>2</sup>, é leitor de Santo Agostinho, e que, ao longo de seus *Ensaio*s demolidores abundem citações de Santo Agostinho. Na tradição da Igreja, o pecado foi cada vez mais colocado no âmbito da sexualidade. Efetivamente, porém, parece haver um elo entre prazer e pecado, como nos mostram os escritos dos místicos e os textos sagrados. Desse modo, o faro apurado dos “cães de Deus”<sup>3</sup> se concentrou e se especializou na busca do sexo como pecado.

São muito conhecidos os anos “mundanos” da vida de Santo Agostinho, antes de sua conversão ao cristianismo em sua vertente católica. Quando o Santo era maniqueu fez a afirmação do prazer e a negação da procriação, depois, quando se tornou católico, tornou-se defensor da afirmação da procriação e da negação do prazer (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 93). Na realidade, depois de converso, o Agostinho que emerge parece ser outro bem diferente do que fora, e se torna irredutivelmente celibatário e apologista da virgindade. Poucos amaram tanto as mulheres como Santo Agostinho amou. Daí ser inevitável a pergunta: – Por que Santo Agostinho, que tanto amara as mulheres, delas se afasta?

Na experiência católica da “carne” desconfia-se das mulheres, dos perfumes, da música, da lembrança e das imagens, porque evocam a recordação da pessoa amada e desejada. De fato, a postura de Santo Agostinho diante das mulheres mudou, até porque elas constituíam sua principal tentação. Na luta contra os “demônios da carne”, ele não poderia vencer se ficasse aberto às suas influências e seduções. Nessa situação, entende-se que o inimigo maligno (Satanás) pode encontrar muitas maneiras de entrar sorrateiramente na alma

---

<sup>2</sup> Montaigne. *Ensaio*s. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Coleção Os Pensadores).

<sup>3</sup> Do latim: *domini canis*, em português: domicanos. Aqui estamos usando a expressão com um sentido geral e não particular.

dos homens. Inclusive as mulheres castas e pudicas são perigosas. Como disse São João Crisóstomo<sup>4</sup>: “[...] o olhar das mulheres toca e perturba nossa alma, e não só o olhar da mulher desenfreada, mas também o da mulher decente” (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 134).

## 2 SANTO AGOSTINHO E AS TENTAÇÕES DA CARNE

Familiarizado com herança pagã e cristã acerca da continência, o catecúmeno Agostinho, para não cair em tentação, procura não conversar com mulher exceto na presença de terceiros, porque a Igreja definia a mulher como “sedutora” em quaisquer circunstâncias.

Efetivamente a base inicial da doutrina da Igreja considerava o celibato sacerdotal superior ao casamento, mas a figura da mulher era um perigo constante para os que preferiram votos de castidade. Parece que nada se quer tanto como aquilo que se evita, e isso invade o pensamento a todo instante. Seja como for, para essa doutrina, o prazer deve ser evitado. Todavia, especialmente para quem vive em castidade e “no deserto”, os pensamentos solitários exigem combates “espirituais” terríveis e incessantes, como mostra o quadro “As Tentações de Santo Antão”<sup>5</sup>, de Hieronymus Bosch. Santo Agostinho endureceu esse entendimento de negação do prazer pelo prazer e chegou a afirmar que é condenável e vergonhoso praticar o coito com a própria esposa e ao mesmo tempo impedir a gravidez. Esse entendimento da Igreja foi formulado a partir de influências antigas. Em razão disso faz plenamente sentido referirmo-nos às raízes pagãs do pessimismo sexual (RANKE-

---

<sup>4</sup> São João Crisóstomo (344-407) cresceu no meio do mundo sem deixar-se “contaminar” por ele. Esteve junto aos pobres e desafortunados e amou-os, a eles se dedicando. Sua família era culta e tinha muitas posses. Ao se “entregar totalmente a Deus”, passou a viver na solidão das montanhas, entre monges, uma vida austera e escreveu o tratado sobre o Sacerdócio. A pregação de São João Crisóstomo teve a mesma importância que a de Agostinho no Ocidente. É, ao lado de Gregório de Nazianzo (330-390), de Gregório de Nissa (355-395) e de Basílio de Cesareia (329 – 379), um dos quatro grandes Padres da Igreja Oriental; é também um dos Doutores da Igreja. Os últimos anos da vida de João Crisóstomo foram politicamente conflituosos no interior da Igreja e acabou sendo desterrado para lugares cada vez mais distantes, onde morreu. As regras para a direção dos monges – escritas por Gregório e Basílio – serviram de modelo e base para todas as futuras ordens monacais do Oriente (PADOVANI; CASTAGNOLA, 1977, p. 208).

<sup>5</sup> A obra *As Tentações de Santo Antão* é uma pintura do inquietante pintor holandês Hieronymus Bosch (1450-1516), que pintou Santo Antão pela importância dele na mística cristã e para quem esse mundo é povoado de terror e pesadelo, em que os demônios espreitam a cada momento. Santo Antão (251- 356) viveu grande parte da sua vida no deserto, onde sofreu terríveis tentações. Santo Antão é considerado o fundador do monaquismo cristão, renunciou aos “bens materiais” para viver no deserto, em pura contemplação dos “bens espirituais”, tornando-se um poderoso símbolo de desprezo ao mundo e ao pecado. A pintura *As Tentações de Santo Antão* apresenta-nos um mundo dominado por forças diabólicas, submetido ao pecado e à culpa. Essa visão pessimista e angustiada de Santo Antão tem uma saída: a única esperança está em Cristo. Tão somente pela força da renúncia ao mundo, amparado pela fé em Cristo, pode o homem libertar-se dos demônios que continuamente o atormentam (BARDI, 1973, p. 157-179).

HEINEMANN, 1996, p. 21). A hostilidade ao prazer e ao corpo é um legado da Antiguidade (particularmente do estoicismo e do neoplatonismo, especialmente do filósofo grego Filon de Alexandria<sup>6</sup>) e que foi singularmente preservado até os nossos dias pela Igreja. Com relação ao neoplatônico Plotino, por exemplo, é de se destacar o fato de que ele tinha vergonha de estar num corpo. No ambiente católico prevaleceu também a ideia de que o corpo humano é algo negativo, algo de que a pessoa que busca a Deus deve se libertar. Sacerdotes pagãos se castravam ritualmente para que não fossem maculados pelo sexo, pois julgavam que a proximidade aos deuses dependia da abstinência sexual. Santo Ambrósio foi discípulo de Orígenes<sup>7</sup>, também se castrou em busca de perfeição e jamais tocou em carne, vinho ou mulher.

Porquanto antes de Santo Agostinho houvesse toda uma tradição de debates acerca da castidade para as pessoas consagradas a Deus que um convertido não poderia ignorar, também, provavelmente, a essa tradição não poderia se opor se quisesse permanecer católico. A Igreja foi plenamente receptiva à ideia de celibato advinda do mundo antigo e, para impor isso ao clero, não hesitou em recorrer a açoites e à prisão. Não obstante o tratamento rigoroso e bruto da Igreja (como, por exemplo, aquele que era dado por São Bonifácio<sup>8</sup> aos padres, aos

---

<sup>6</sup> Filon de Alexandria ((10 a.C - 50 d.C)) é bem representativo dos meios judeus helenizados que só sabiam ler a Bíblia na versão grega denominada dos Setenta (segundo a tradição, a Bíblia hebraica teria sido traduzida para o grego por setenta sábios, em Alexandria). Seus correligionários tinham-no encarregado de uma missão junto ao imperador Calígula para serem dispensados do culto ao imperador (incompatível com o monoteísmo judaico). Filon pretende fazer uma síntese entre os ensinamentos de Moisés, de Platão e de Zenão de Citium. Para ele, a *Bíblia* diz a verdade, mas sob forma alegórica. Como nos mostram os comentadores, num sentido, o problema fundamental da escolástica medieval (o da concordância entre razão e fé) é uma herança legada por Filon de Alexandria. Segundo Filon, o homem pode levar sua vida de três formas. A primeira é ligada ao corpo como extensão física e essa é a forma mais básica e inferior. A segunda é a dimensão da razão, que é a nossa alma ligada ao intelecto e o homem nessa dimensão utiliza a razão para direcionar sua vida. E a última e superior forma é a ligada ao divino e nessa dimensão a alma e o intelecto tornam-se eternos à medida que estão ligados ao espírito divino (MARCONATTO, Arildo Luiz. Disponível em: <<http://www.filosofia.com.br/história>>. Acesso em: 19 fev. 2011).

<sup>7</sup> Orígenes (185-253) levou uma vida austera, rigorosa, a ponto de, interpretando literalmente o Evangelho de Mateus, fazer-se “eunuco pelo reino dos Céus”; atitude extrema que lhe trouxe represálias quando foi ordenado padre, pois não era permitido a um eunuco ordenar-se sacerdote. Orígenes dormia no chão, não comia carne, não bebia vinho, possuía apenas um casaco e não tinha sapatos. Apesar de alguns aspectos controvertidos de seu pensamento, Orígenes ajudou a formular boa parte da doutrina ortodoxa cristã (BOEHNER; GILSON, 1995, p. 48-49).

<sup>8</sup> São Bonifácio (672-754) era filho de uma família abastada, porém “deixou o patrimônio e os prazeres do mundo” e se recolheu num claustro, contra a vontade do pai. São Bonifácio era belicoso no trato com os pagãos, e certa ocasião, numa disputa “por almas”, derrubou o carvalho sagrado dedicado ao deus Thor e construiu uma pequena capela a partir da sua madeira. Bonifácio nunca perdeu a esperança de converter os pagãos, e em 754 retomou à Frísia com um pequeno grupo de seguidores. Batizou grande número deles, e marcou um encontro para a confirmação dos novos batizados, porém, quando se dirigia aos neófitos, lançou-se contra eles um grupo de pagãos armados e, nesta emboscada, o assassinaram (*ECCLESIAE FASTOS - CARTA ENCÍCLICA DO PAPA PIO XII*).

monges e às freiras “lascivas”<sup>9</sup>) por volta do ano 1000, parece que a maioria do clero era casada. Em razão disso, dirigentes e pensadores da Igreja irão procurar “purificar” o clero. Por exemplo, o Sínodo de Paris, em 846, proibia a entrada de mulher no lugar onde se encontrasse um padre. Décadas mais tarde, as autoridades religiosas emitiram uma ordem para que se vigiassem os padres: “[...] verificar e ver se o padre possui algum cubículo junto à igreja ou se há portinholas suspeitas na proximidade” (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 136).

Como mencionamos, esse corpo de entendimento acerca da superioridade da vida celibatária sobre a vida conjugal foi legado a Santo Agostinho, que lhe deu ênfase e praticidade, inclusive como exigência fundamental para a vida dos padres:

Os Padres da Igreja, em particular entraram na luta pelo celibato. Cirilo de Jerusalém (m. 386) sustentava que o “bom sacerdote se abstém de mulher” [...]. E Jerônimo escrevia contra os bispos que toleravam “esposas grávidas de clérigos e crianças chorando nos braços das mães”. Num texto contra Vigilância, ele atacou dizendo: “Afinal não somos diferentes dos porcos” [...]. Ambrósio disse que os padres que continuavam tendo filhos “oravam pelos outros com espíritos tão impuros quanto os corpos” (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 116).

É discutível, porém, que a Igreja trouxe o autocontrole e o ascetismo à sociedade pagã. O que ela tanto reprimia vinha à tona com força, ainda que mascarado, metamorfoseado e diluído. Há, todavia, uma diferença importante entre o pessimismo sexual pagão e o pessimismo sexual católico: O do lado católico deriva da maldição do pecado original e da punição a ele. O do lado pagão deriva de considerações médica, especialmente no argumento de que praticar sexo enfraquece, dado a perda de energia mediante a ejaculação.

Embora os filósofos gregos, de um modo geral, concordassem com a importância da busca do prazer, com os estoicos e neoplatônicos o prazer tornou-se suspeito e torna-se clara a preferência dessas escolas de pensamentos pelo celibato, pela abstinência e pelo ascetismo rigoroso. Tal ideia foi absorvida pela Igreja e não poderia deixar de influenciar até mesmo Santo Agostinho. Aliás, argumenta-se que Santo Agostinho e Santo Afonso Maria de Ligório<sup>10</sup> elaboraram bases teológicas para a tese de superioridade do celibato sobre o casamento. Quando Santo Afonso Maria de Ligório escreveu sua obra *A Verdadeira Esposa*

---

<sup>9</sup> Como punição, o padre culpado ficava na prisão, porém anteriormente ele também era açoitado em público e depois o bispo, se julgasse necessário, ainda poderia repetir o castigo. Os monges e as freiras deveriam ser levados à prisão depois do terceiro açoitamento para cumprir pena até que transcorresse um ano. Ao mesmo tempo as freiras tinham “de ter os cabelos da cabeça raspados” (RANKE-HEINEMANN, p. 119).

<sup>10</sup> Fundou a Congregação dos Padres Redentoristas. Pregava o seu exemplo de virtude, de penitência, de caridade e de “santa inocência”. Deixou para os sacerdotes a sua célebre obra *Teologia Moral*; e para as religiosas a obra *Verdadeira Esposa de Cristo*, entre outros escritos (SANTO AFONSO M. DE LIGÓRIO, 1961).

de *Jesus Cristo*, época em que “sérios abusos se tinham introduzido nos mosteiros e conventos” e, ao defender a “excelência da virgindade”, escreveu:

As virgens que tendem à perfeição são esposas queridas de Jesus Cristo, porque lhe consagram a alma e o corpo e neste mundo nada mais desejam que agradar a Nosso Senhor. [...] Para ser fiel ao amor de seu divino esposo, e para conservar intacto o lírio de sua virgindade, a virgem tem que empregar todos os meios, sobretudo os principais, a saber: a oração, a comunhão, a mortificação e o recolhimento (STO AFONSO M. DE LIGÓRIO, 1961, tomo I, p. 13).

No tocante às religiosas ou “esposas de Cristo”, Jesus se torna para elas o esposo que não veem com os olhos do corpo, mas a quem contemplam com os olhos da fé. Santo Afonso ainda aconselha as religiosas a evitarem “os divertimentos”, “os apegos mundanos”, “conversações com seculares”, e que evitem também dar liberdade aos sentidos, à gula, à curiosidade da vista e dos ouvidos. Santo Agostinho afirma que o meio mais apropriado de assegurar a “santa castidade” é a humildade e a vigilância, quando escreve que a continência perpétua e, principalmente, a virgindade, é tão grande bem entre os santos de Deus, que esses devem guardá-lo com a máxima vigilância, para não o ver corrompido pela soberba. E acrescenta em seguida: “Logo, a guardiã da virgindade é a caridade, e a morada dessa caridade é a humildade” (SANTO AGOSTINHO, *A santa virgindade*. São Paulo: Paulus, 2000, p. 141).

A castidade não foi fácil para Santo Agostinho. No seu livro *Confissões* escreve que a sua oração contínua era a de pedir a castidade a Deus, mas no seu íntimo sentia uma voz que também pedia a Deus que não tivesse muita pressa em torná-lo casto. Ou seja, continuou postergando sua decisão de ser casto. O primeiro passo que deu nessa direção foi o de procurar não ter mais amantes, e optou por um casamento tradicional. Separou-se da mulher com quem vivia e que o amava tanto, porém ele lamentou muito a perda da mulher amada, que foi embora dizendo que nunca mais se deitaria com outro homem. Um pouco depois, porém, enquanto aguardava um casamento condizente com uma noiva rica e em idade de casar, como queria sua mãe, Agostinho arrumou outra amante:

A mulher com quem eu tinha o hábito de dormir foi embora por ser um empecilho a meu casamento, e meu coração, preso a ela, foi ferido e magoado e dele pingava sangue. E ela retornou à África depois de ter feito a promessa a ti (Deus) de que nunca mais dormiria com outro homem, e fiquei com o filho natural que tive dela. [...] Assim, como eu era menos um amante do casamento do que um escravo da luxúria, encontrei para mim outra mulher (SANTO AGOSTINHO, 1973, VI, 15).

Nesse compasso de espera, um dia, enquanto orava, diuturnamente, pedindo a castidade “para amanhã e sem pressa”, ele relata que a graça de Deus o tomou, fortalecendo-o na decisão de ser casto e de não tocar em mulher. Para nosso autor, graça é um dom de Deus para os escolhidos, por isso nem todos serão redimidos por ela. Banhado pela graça, Santo Agostinho então rogou para aquele momento a graça da castidade para nunca mais ser escravo da carne que o dilacerava. Esse fato da separação da mulher amada, aliado à sua busca insaciável por prazer (pois não conseguia ficar muito tempo sem companhia feminina), parece lhe ter trazido um sentimento de culpa e que pode ter colaborado na sua formulação da ideia de malignidade do ato sexual.

Vimos que a idealização da castidade como a mais próxima de Deus foi adotada pela Igreja, assim era melhor para o homem não ter mulher. Desse modo, com límpida sinceridade, Santo Agostinho adotou esta decisão difícil, e tocou no ponto fundamental da sua primeira conversão. Depois desse momento tornou-se promotor e apologista da castidade, e escreve um livro sobre o assunto. No pensamento de Santo Agostinho, o coito somente era permitido com a justificação da gravidez como finalidade; a relação sexual é um ato passível de culpa se não se tiver em vista a procriação. Posteriormente, Santo Agostinho e os teólogos medievais argumentaram sobre a semelhança do ser humano com Deus a partir da ideia de que essa semelhança é só *ubi sexus nullus est*. A essência da natureza humana não é tocada pela sexualidade, ou seja, “é nula”<sup>11</sup>. Teólogos medievais afirmavam que foi somente depois da Queda que os seres humanos passaram a se reproduzir como animais e, com isso, as “paixões animais” começaram a atuar. O homem foi originalmente feito à imagem de Deus, ou seja, sem paixão, mas as paixões não pertencem à natureza verdadeira do ser humano (RANKE, HEINEMANN, 1996, p. 66). Havia a compreensão de que, no Paraíso, Adão e Eva eram permanentemente castos. Teve enorme influência a orientação dos Padres da Igreja que viam o casamento como “concessão” à fraqueza humana, em razão do pecado. Em razão disso, com os grandes padres da Igreja – como Santo Ambrósio<sup>12</sup>, São Jerônimo e Santo Agostinho – triunfou a noção estoica da procriação como o primeiro e único fim legítimo do casamento.

---

<sup>11</sup> SANTO AGOSTINHO. *A Trindade*. Tradução de Agostinho Belmonte. 2. ed. Coleção Patrística - 7. São Paulo: Paulus, 1994.

<sup>12</sup> As exposições de Santo Ambrósio (340-397) sobre o valor da virgindade provocaram um movimento religioso em toda a Itália. Santo Ambrósio renunciou a seus bens em favor da Igreja e dos pobres, levando vida ascética exemplar. Ele mesmo preparava os catecúmenos para o batismo, iniciava-os nas celebrações pascais e na compreensão dos ritos. Consagrava-se com dedicação aos deveres de seu ministério. Ambrósio empenhou-se muito para que os padres casados deixassem de manter relações sexuais com suas esposas e glorificou a castidade. Ele afirmou que o casamento não deve ser evitado como um pecado, mas sim como um fardo (RENKE-HEINEMANN, 1996, p. 70-71).

Com o catolicismo, a direção da Igreja ficou na mão de celibatários e o pecado foi sendo, cada vez mais, colocado no âmbito da sexualidade. O modelo principal de Maria Virgem, a Imaculada – antes, durante e após o parto – foi ganhando espaço nos corações e nas mentes. Foi Ambrósio quem ministrou o batismo a Agostinho. Para Santo Ambrósio, as pessoas casadas são convidadas a viver a “castidade conjugal”; isso significa viver a vida sexual apenas com o seu cônjuge. Os noivos são aconselhados a viver a castidade na continência. Para ele existem três formas da virtude da castidade: a primeira, dos esposos; a segunda, da viuvez; a terceira, da virgindade.

A filosofia neoplatônica – que tanto influenciou Santo Agostinho – se desenvolveu na primeira metade do século III e, por sua vez, foi influenciada pelo gnosticismo, que pregava a abstinência do casamento, da carne e do vinho. O neoplatonismo exigia de seus seguidores uma vida abstinente e uma dura ascese. Como já afirmamos, tudo isso foi incorporado pela Igreja, sob a justificativa de “imitação de Cristo e desprezo de todas as vaidades do mundo”<sup>13</sup> como maneira de segui-lo no caminho da cruz bem de perto, e que a virgindade agrada mais a Deus do que o casamento. Contrariamente a isso, porém, argumenta-se que Jesus não foi asceta, ao contrário, ele foi acusado pelos seus inimigos de ser “comilão e beberrão de vinho, amigo de publicanos e pecadores”<sup>14</sup>, como relatam os Evangelhos.

O estabelecimento do ascetismo sexual, todavia, é atribuído a São Jerônimo<sup>15</sup>, que, inclusive, teria traduzido a *Vulgata* “numa perspectiva católica”, o que para alguns constitui “alteração de texto”. Assim, os críticos da tradução da *Vulgata* afirmam que São Jerônimo teria adulterado o seu conteúdo na tradução do texto grego para o latino, com “interpolações” e “omissões”. São Jerônimo considera que a Virgem Maria estabeleceu o fundamento da castidade para ambos os sexos e, para ele, a superioridade moral dessa virgindade se torna clara em sua pessoa. De acordo com comentadores, entretanto, como dissemos anteriormente,

---

<sup>13</sup> KEMPIS, Tomas. *Imitação de Cristo*. São Paulo: Ave Maria, 1966.

<sup>14</sup> MT. 11, 18-19.

<sup>15</sup> A preparação literária e a ampla erudição permitiram que São Jerônimo (342-420) fizesse a revisão e a tradução de muitos textos bíblicos: um precioso trabalho para a Igreja latina e para a cultura ocidental. Com base nos textos originais em grego e em hebraico e graças ao confronto com versões anteriores, ele realizou a revisão dos quatro *Evangelhos* em língua latina, depois o *Saltério* e grande parte do *Antigo Testamento*. Tendo em conta o original hebraico e grego, a *Septuaginta*, a versão grega clássica do *Antigo Testamento* que remontava ao tempo pré-cristão, e as precedentes versões latinas, Jerônimo, com a ajuda de outros colaboradores, pôde oferecer uma tradução melhor: ela constitui a chamada *Vulgata*, o texto “oficial” da Igreja latina, que foi reconhecido como tal pelo Concílio de Trento e que, depois da recente revisão, permanece o texto “oficial” da Igreja de língua latina. Jerônimo ataca com muita ênfase o casamento e menciona que a única coisa boa que se pode extrair do casamento é que “produz virgens”. Uma das máximas que Jerônimo mais gostava era: “Aquele que for um amante apaixonado demais da própria esposa é adúltero” (RANKE-HEINEMANN, p. 74).

não parece haver concordância a respeito daqueles que recorreram a Jesus para justificar o rigor celibatário como melhor forma de se aproximar de Deus. Lucas relata que Jesus era rodeado por “muitas mulheres”<sup>16</sup>. Na realidade, há em Jesus um entusiasmo positivo perante as mulheres; além de conversar com elas, ele se deixa inclusive tocar, abraçar e ser afagado por elas:

Jesus foi um amigo das mulheres, o primeiro e praticamente o último amigo que as mulheres tiveram na Igreja. Causava sensação porque ele se relacionava com mulheres, porque era rodeado por muitas mulheres [...] o que para um rabino e professor de leis judaicas era absolutamente inaceitável e sem precedentes para o seu tempo. (RANKE- HEINEMANN, 1996, p. 132).

As mulheres que seguiam Jesus não compunham uma audiência passiva. Elas atuavam e organizavam muitas ações, todavia ressalta-se que essa prática carinhosa e respeitosa de Jesus com as mulheres não foi seguida por aqueles que foram denominados cristãos: “Os seguidores de Jesus, entretanto, não o seguiram nesse ponto. Sua abertura às mulheres, o respeito que demonstrava por elas foram substituídos depois de sua morte, por parte dos oficiais masculinos da Igreja, por uma mistura peculiar de medo reprimido, desconfiança e arrogância” (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 133).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observamos ao longo do texto, São Cipriano<sup>17</sup>, Santo Atanásio, Santo Ambrósio, São João Crisóstomo, São Jerônimo, Santo Agostinho e muitos outros escreveram sobre a virgindade, dedicando a ela os maiores louvores. O que eles honram, todavia, não é a virgindade por si mesma, mas apenas aquela que é consagrada a Deus; não louvam nas virgens o fato de serem virgens, mas o estarem consagradas ao serviço de Deus.

---

<sup>16</sup> “Os Doze iam com ele, e também algumas mulheres [...] e várias outras mulheres que ajudavam a Jesus e aos discípulos [...]” LUCAS, 8, 3.

<sup>17</sup> São Cipriano de Cartago (200-258) pede às virgens que, tendo-se consagrado a Cristo pela renúncia à concupiscência da carne e tendo-se dedicado a Deus de alma e corpo, não procurem agora adornar-se nem pretendam agradar a ninguém senão a Deus, pois para ele as virgens passam pelo mundo sem as manchas do mundo e, enquanto elas perseverarem castas e virgens, são iguais aos anjos de Deus. S. Cipriano compôs numerosos tratados e cartas, sempre ligados ao seu ministério pastoral, destacando-se a sua magna obra “*De Unitate Ecclesiae*” (Sobre a Unidade da Igreja). De fato, a Igreja é, para ele, o tema central. Distingue entre “Igreja visível”, hierárquica, e “Igreja invisível”, mística, mas afirma com força que a Igreja é uma só. Cipriano de Cartago escreveu que “fora da Igreja não há salvação” e que “ninguém pode ter a Deus por Pai se não tiver a Igreja por mãe”. (*História da Igreja Católica*. Disponível em: <[http://www.bibliacatolica.com.br/historia\\_igreja/28.php](http://www.bibliacatolica.com.br/historia_igreja/28.php)>. Acesso em: 19 fev. 2011).

Como um grande quadro da hierarquia católica, a noção que Santo Agostinho aceitou (e a que dificilmente poderia ser contra, em razão das circunstâncias de sua conversão *in totum* ao catolicismo) era aquela que veio da tradição da Igreja, mas ele contribuiu para reforçar a defesa da virgindade com seus escritos. Dessa maneira, faz sentido situar Santo Agostinho como um dos grandes idealizadores da imagem cristã de Deus, da humanidade e do universo, que tanto influenciou o Ocidente. Assim, de acordo com a tradição, Santo Agostinho associou a transmissão do pecado original com o prazer do coito e isso teve influência na esfera da moralidade sexual. Para ele, o prazer sexual é o que transmite o pecado original de geração a geração, mas, como um pensador incansável que sempre foi, ele reformulou seu pensamento no decorrer de sua vida.

Desse modo, mais tarde, Santo Agostinho escreve que, mesmo no paraíso, a reprodução ocorria por meio do ato sexual e não negou mais a existência de sexo no Édem. Esclarece, porém, que não tinha havido prazer sexual no paraíso, porque o gozo sexual escapa ao controle da vontade de forma avassaladora e nos domina inteiramente. Retifica, entretanto, que até mesmo no caso de ter havido prazer sexual no paraíso, ter-se-ia constituído de tal forma que somente ocorria com a vontade da alma. O homem, no paraíso, tinha controle pleno de seus órgãos sexuais com sua vontade e com seus arbítrio (SANTO AGOSTINHO, 2009). Assim, para nosso autor, a procriação foi originalmente realizada sem prazer sexual. Mas, é possível o controle voluntário do orgasmo? A postergação do orgasmo não o torna cada vez mais preemente? Ou, como afirma Sócrates, por meio de Xenofonte: “[...] a espera e a privação não fazem senão aumentar o prazer” (XENOFONTE, 1972, p. 156). Parece assim que Santo Agostinho suscitou tantas questões e que de algumas não pode dar conta. Deixou-as, porém, para a posteridade como um legado vivo e inquietante.

De qualquer forma, embora Santo Agostinho tenha concebido posteriormente a ideia de um prazer controlado (e até mesmo frio), no paraíso, os intérpretes da Igreja optaram pela primeira posição agostiniana: “não houve desejo no Paraíso”. Parece que a Igreja, de modo geral, tem preferido as posições mais conservadoras de Santo Agostinho e não o acompanha na dialética de seu pensamento.

Perante o desejo (e prazer), Santo Agostinho distingue entre “sentir” e “buscar”. O prazer físico é bom, o desejo é um mau impulso. No casamento, aquele que “serve” ao outro é superior àquele que quer ser “servido”. Ou seja, o que exige o corpo do outro (exceto para a procriação) comete um pecado perdoável, mas quem realiza o coito por solicitação do outro – mas, pessoalmente, não busca o prazer – não incorre em culpa. Anos mais tarde, Odo – reitor

da Universidade de Paris – determina que, se a mulher exigir sexo nos dias santos, o marido não deve atender seu desejo, e sim “[...] reprimir seu atrevimento com jejuns e espancamentos” (RANKE-HEINEMANN, p. 168).

A única voz discordante dentre todos os teólogos que desprezavam o corpo, a mulher e o prazer, foi a de Pedro Abelardo<sup>18</sup>, que escreveu sobre o seu belo e terrível caso de amor com Heloísa, no qual experimentou todo grau do amor e tudo o que o amor pode imaginar de insólito. Escreveu sobre o que ocorria no transcorrer das aulas ministradas à Heloísa:

Assim, com a desculpa do ensino, nós nos entregávamos inteiramente ao amor, e o estudo da lição nos proporcionava as secretas intimidades que o amor desejava. Enquanto os livros ficavam abertos, introduziam-se mais palavras de amor do que a respeito da lição, e havia mais beijos do que sentenças; minhas mãos transportavam-se mais vezes aos seios do que para os livros e mais freqüentemente o amor se refletia nos olhos do que a lição os dirigia para o texto. [...] Em suma, que direi? Nenhum grau do amor foi omitido por nós dois apaixonados, e tudo o que o amor pode imaginar de insólito foi acrescentado e, quanto menos tínhamos experiência dessas alegrias tanto mais ardentemente nela nos demorávamos e tanto menos nos cansávamos disso. (PEDRO ABELARDO, 1973, p. 258-259).

Mesmo depois da tragédia que se abateu sobre ambos, continuaram a manter contato e a se corresponderem. Efetivamente, Pedro Abelardo buscou reabilitar o prazer sexual, porque, segundo seu entendimento, nenhum prazer natural do corpo pode ser declarado pecado, nem se pode imputar culpa quando alguém se delicia no prazer onde deve necessariamente senti-lo. Abelardo situa o começo de suas “calamidades” aos êxitos iniciais na arte da dialética e nos torneios de lógica, onde arrasava seus oponentes afamados e até mesmo seu professor. Assim, sua dialética trouxe-lhe muitos adversários, que se sentiram diminuídos com seus êxitos. Abelardo identificava o real ao particular e considerava o universal como o sentido das palavras (*nominum significatio*), rejeitando o nominalismo. Dessa forma, o significado dos nomes permitiria esclarecer os conceitos, de forma a emancipar a lógica da metafísica, tornando-a uma disciplina autônoma.

Evidentemente as posições de Pedro Abelardo não eram hegemônicas. Prevaleceu a tradição da Igreja de associar prazer ao pecado. Para amenizar o peso dessa ideia, o cardeal Hugúcio<sup>19</sup> propôs o “coito sem pecado” para os maridos católicos: o “*coitus reservatus*” (ou

---

<sup>18</sup> Pedro Abelardo (1079-1142) mostrou-se como um pensador profundo, inquieto e rebelde, por isso é exato que seja considerado um dos maiores e mais ousados pensadores do século XII. Ficou conhecido pelo “escândalo” de sua vida pessoal, focado no seu caso de amor com Heloísa, a que se refere em sua *História das Minhas Calamidades*. (São Paulo: Abril Cultural, 1973 – Coleção Os Pensadores).

<sup>19</sup> Cardeal Hugúcio (m.1210), grande especialista em leis canônicas e professor do Papa Inocêncio III.

coito sem ejaculação), que se traduzia na retirada do membro da vagina antes de ejacular, mas só depois que a mulher estiver saciada. Não é preciso muito esforço para distinguir, nessa ideia, influências do entendimento de Santo Agostinho no tocante ao “sexo com controle” no Paraíso. Mas, voltemos ao Cardeal Hugúcio e à forma como o coito sem pecado pode ser realizado aqui na terra:

Posso cumprir minha obrigação para com a esposa e aguardar até que se tenha saciado em seu prazer. Com efeito, nesses casos as mulheres estão muitas vezes acostumadas a sentir prazer antes dos maridos, e quando o prazer da mulher no ato físico tiver sido saciado, posso, se desejar, me afastar sem satisfazer meu prazer, livre de pecado e sem deixar o sêmen fluir. (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 185).

Ainda que os teólogos católicos, alinhados com o pensamento tradicional da Igreja, tenham buscado os elementos mais conservadores do seu pensamento, é inegável que Santo Agostinho teve influências sobre as interpretações cada vez mais conservadoras de algumas de suas ideias. Mas também é verdade que o Santo não pode ser responsabilizado por tudo o que seus supostos “intérpretes” fizeram ou disseram. Calvino, por exemplo, levou ideias agostinianas a respeito da graça “às últimas consequências”, excluindo a ideia de liberdade, que é muito cara a Santo Agostinho. De acordo com Santo Agostinho, somos responsáveis por nossas escolhas e, quando escolho o bem divino, nossa vontade concorreu para a graça. A graça e a liberdade não se excluem, antes, completam-se (MOTTA PESSANHA, 1984, p. XVII). É possível reatar relações com a graça nas obras da liberdade. É que uma estranha ligação entre liberdade e dependência acompanha sempre o desenrolar da união da graça com a liberdade. Pois a “liberdade dos filhos de Deus” se conquista num contínuo desprendimento de todo poder e numa incessante ultrapassagem das satisfações (CARNEIRO LEÃO, 2009).

Santo Agostinho alerta que não se obtém a graça só nas igrejas, nos mosteiros com rigores do claustro e só com a disciplina da meditação. O problema da felicidade constitui, para Santo Agostinho, toda motivação do pensar filosófico (MOTTA PESSANHA, 1984). Na sua *Cidade de Deus* escreveu que “[...] o homem não tem razão para filosofar, exceto para atingir a felicidade” (SANTO AGOSTINHO, 2009). A filosofia é entendida como indagação sobre a condição humana à procura da felicidade. Nessa obra, Santo Agostinho trata da origem, desenvolvimento e fins das duas cidades: a cidade terrena e a cidade celestial e argumenta que as origens das duas cidades remontam à distinção entre anjos que exerceram sua liberdade.

A trajetória de Santo Agostinho é de movimento e inquietação na busca de respostas e se, inicialmente, “lançava-se sobre as formosuras” com avidez insaciável, ao final encontra a graça divina. Os prazeres passageiros só lhe salientam a consciência da insignificância e da busca que não tem fim. Assim, como sempre acontece com Santo Agostinho, as respostas trazem novas perguntas e, de certa forma, o catolicismo agrega mais um elemento a seu “inquieto coração”, pois ele quer saber no que crê. Para nosso autor, somente depois de conhecer as coisas se consegue o conhecimento das palavras: “Existo, conheço e quero. Existo sabendo e querendo; e sei que existo e quero; e quero existir e saber” (SANTO AGOSTINHO, 1973).

Para concluir, de acordo com Santo Agostinho, o livre-arbítrio (como poder de optar, decidir, deliberar) é um dom divino e o ser humano não pode ignorá-lo, perdê-lo ou suprimi-lo. A graça de Deus é salvadora, porém não impede o poder de escolha de cada um. Sem o poder da graça, o livre-arbítrio opta pelo mal; com a graça, dirige-se para o bem eterno. Com efeito, a liberdade de escolha não liberta o homem do mal porque escolher o mal não é liberdade.

#### 4 REFERÊNCIAS

BARDI, Pietro Maria. **Do gótico à renascença**. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção Gênios da Pintura).

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *Escola de Alexandria*. In: ---;---. **História da filosofia cristã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CARNEIRO-LEÃO, Emmanuel. *Fé cristã e história*. In: **A cidade de Deus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PADOVANI, Umberto; CASTAGNOLA, Luis. *O IV século: os luminares da Capadócia*. In: ---;---. **História da Filosofia**. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

HAMANN. A. G. **Orações dos primeiros cristãos**. São Paulo: Paulinas, 1985.

MONTAIGNE. M. **Ensaio**. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Coleção Os Pensadores).

MOTTA PESSANHA, José Américo. Santo Agostinho: vida e obra. In: SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Abril Cultural, 1984 (Coleção Os Pensadores).

PEDRO ABELARDO. **História de minhas calamidades**. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores).

KEMPIS, Tomas. **Imitação de Cristo**. São Paulo: Ave Maria, 1966.

RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo Reino de Deus**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1996.

STO. AFONSO MARIA DE LIGÓRIO. **A verdadeira esposa de Jesus Cristo**. São Paulo: Paulinas, 1961.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

---. **De magistro**. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores).

---. **A santa virgindade**. São Paulo: Paulus, 2000.

---. **A cidade de Deus** (Contra os Pagãos). Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

XENOFONTE. **Ditos e feios memoráveis de Sócrates**. São Paulo: Abril Cultural, 1972 (Coleção Os Pensadores).

Recebido em 26/01/2011.

Aprovado para publicação em 07/04/2011.